

## A TEORIA QUEER NA EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E IDENTITÁRIAS NOS ESPAÇOS ESCOLARES.

Patrícia da Silva Simões da Cunha<sup>1</sup>;

Universidade Federal Fluminense

[pattysscunha@gmail.com](mailto:pattysscunha@gmail.com)

Joanice S. Conceição<sup>2</sup>

Universidade Federal Fluminense

[joaniceconceicao@gmail.com](mailto:joaniceconceicao@gmail.com);

Orientador

Joanice S. Conceição

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo propor uma reflexão acerca dos marcadores sociais heteronormativos que são tradicionalmente ensinados nos espaços escolares, apresentando algumas provocações teóricas de modo a repensar a educação. Buscamos ainda analisar de que maneira a teoria *queer* se mostra na política de desconstrução de estereótipos que são empregados e ressignificados nas práticas educativas, ao tempo em que se reconhecem outras estéticas existenciais, onde se abre novas possibilidades para o sujeito seguir um caminho de singularidades, produzindo assim, significativas mudanças quanto às práticas discursivas que envolvam sujeitos, corpos, gêneros e sexualidades. O artigo apresentado baseou-se no diálogo de cunho bibliográfico de diversos autores que se debruçam sobre os estudos relacionados à Teoria Queer e aos Estudos de Gênero de modo geral e também nos Estudos Pós-Estruturalistas e Estudos Feministas. Não obstante, procuramos apresentar e analisar alguns fragmentos discursivos importantes na construção das identidades de gêneros e identidades sexuais, e como estas se articulam com as práticas pedagógicas propostas ao longo dos anos, e que se mantém firmes até os dias atuais. Com isso, defendemos uma educação que invista num discurso onde a pluralidade e a singularidade estejam aliadas, com o intuito de desconstruir práticas engessadas e discriminatórias que levem sujeitos abjetos a vislumbrar uma educação que se apresente mais autônoma e singular, contribuindo assim, na compreensão e na criação de sentidos e vivências que direcione a escola à promoção da diversidade e respeito.

**Palavras-chave:** Estudos queer; Educação escolar; Sexualidades;

### Introdução

---

<sup>1</sup> Graduada em Letras pela Universidade Estácio de Sá; Graduada em Pedagogia pela Universidade Federal Fluminense; Integra o AZANIA –Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura, Gênero/Sexualidade, Raça, Classe, Performance e Religião; Tem publicado o artigo intitulado A erotização da mulata na cultura brasileira.

<sup>2</sup> Prof<sup>a</sup> Adjunta em Antropologia da Universidade Federal Fluminense; Doutora e Mestre em Antropologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo; Possui pesquisas e trabalhos publicados nas áreas de Gênero, Masculinidades, Feminilidades, Religião, Performance e Educação para as Relações Étnico-Raciais; Coordena o AZANIA –Grupo de Estudos e Pesquisas em Cultura, Gênero/Sexualidade, Raça, Classe, Performance e Religião. Publicou o livro Irmandade da Boa Morte e culto de Babá Egum: Masculinidades, Feminilidades e Performances Negras (2017); Além de artigos Gênero, Religião e Educação Étnico-Racial.

Dentro dos espaços escolares notamos a presença de uma pedagogia tradicionalista, que, por conseguinte, se apresenta de maneira hegemonicamente heterossexista. O ambiente escolar é composto por práticas e ações que apresentam características conservadoras, premissas que muitas vezes são utilizadas para legitimar atos discriminatórios e violentos para com aqueles que se comportam de maneira contrária ao que eles acreditam. Agindo assim, categorizam esses indivíduos em pertencentes e não-pertencentes ao grupo escolar e com essa realidade ideológica, encarna figuras homofóbicas, provocando o que Miskolci considera como abjeção<sup>3</sup>. Nesse sentido, recorreremos ao conceito de “dispositivo de controle” apresentado por Foucault (2012), para demonstrar como o espaço escolar é categorizado e formulado de maneira que os alunos se comportem de forma homogênea, não permitindo que estes exerçam suas individualidades e singularidades. Ao abordar sobre o tema o autor apresenta três maneiras de ensinar que movimentam a dicotomia valorização/exclusão, fazendo com que os indivíduos se sintam intimados a obedecer a esse sistema imposto pela instituição escolar, haja vista que, o não cumprimento acarretaria em dolorosas reações, criando-se um ambiente de medo. O sistema de dispositivo de controle de Foucault (2012) diz respeito aos seguintes itens: (i) *disciplina* presente tanto no comportamento quanto ao saber. (ii) *aprendizagem* que envolve a absorção de conhecimento. E por último a (iii) *cognição* que se liga à percepção, linguagem e ao raciocínio. Tais ações produzem o efeito de delimitar o que é certo ou errado, provocando deste modo, dinâmicas que visam à manutenção de estigmas e processos de exclusão, impossibilitando a multiplicidade de olhares, trocas de reflexões, inviabilizando a criação de espaços de convivência onde todos devem ser inseridos e respeitados.

Chegamos ao ponto de procurar nossa inteligibilidade naquilo que foi, durante tantos séculos, considerado como loucura; a plenitude de nosso corpo que, durante muito tempo, foi um estigma e como que a ferida neste corpo; nossa identidade, naquilo que se percebia como obscuro impulso sem nome. (FOUCAULT, 1993, p. 146).

## Metodologia

O artigo apresentado baseou-se no diálogo bibliográfico de diversos autores, tais como as reflexões de Michel Foucault sobre a sexualidade, os importantes trabalhos sobre gênero de Judith Butler e Richard Miskolci e principalmente nas reflexões de Guacira Louro, que se debruçou sobre os estudos da Teoria *queer*, mais precisamente na Educação. Com base em

---

<sup>3</sup> Termo usado para referir-se “ao espaço em que a coletividade costuma relegar a aqueles e aquelas que consideram uma ameaça ao seu bom funcionamento, à ordem social e política” (MISKOLCI, 2012, p. 24).

observações feitas em ambiente escolar procuramos apresentar e analisar alguns fragmentos discursivos importantes na construção das identidades de gêneros e identidades sexuais, como estas se articulam com as práticas pedagógicas propostas ao longo dos anos.

Tendo em vista esse cenário, o intuito do presente artigo é contribuir com algumas reflexões acerca dessa temática, visto que, o grande desafio é trazer dentro da proposta *queer*, um debate em que a educação tradicional seja desestabilizada, provocando inquietações de modo que as práticas educativas de cunho heteronormativas e discriminatórias, até então normatizadas e naturalizadas, sejam revistas, criando-se uma política de emancipação e valorização dos corpos que são considerados anormais. Espera-se que as reflexões provocadas pela teoria *queer*, deem espaços para a introdução de uma discussão sobre o campo das diferenças, da multiplicidade, da sensibilidade e da interdependência do outro. Butler (2003b, p. 157), ainda reitera que, “as normas de gênero operam ao ordenar a corporificação de certos ideais de feminilidade e masculinidade, ideias que são quase sempre relacionados à idealização do vínculo heterossexual”.

Não podemos deixar de referir aos Estudos Feministas que desempenharam importante função na desconstrução desses papéis marcadores segregacionistas, e os Estudos pós-estruturalistas que através de seus pressupostos plurais, promoveram a disseminação da articulação desses diálogos.

### **Resultados e Discussões**

Sendo assim, seria possível trazer para dentro dos espaços escolares reflexões pedagógicas que versem sobre os questionamentos políticos, sexuais e morais? Como a teoria *queer* pode se articular com as práticas pedagógicas tradicionais fazendo uma intersecção, e, consequentemente gerar um movimento onde o lugar de fala desses sujeitos tenham espaços para novas vivências? Como a educação *queer* promoveria a desconstrução desses processos históricos culturais onde os sujeitos são colocados à margem e privados de quaisquer formas de validação da sua existência, principalmente em se tratando do ambiente tradicionalista e segregacionista como o escolar? Esses questionamentos podem funcionar como agentes norteadores, a fim de produzir uma experiência de ressignificação daquilo que se apresenta como estranho e anormal, possibilitando assim, um reaprendizado das ações no campo escolar, abrindo espaço para práticas educativas onde nos permitiria entender o sujeito *queer* e respeitar suas múltiplas afetividades, num processo-chave de normalização (MISKOLCI,

2009). Para este autor,

A demanda queer é a do reconhecimento sem assimilação, é o desejo que resiste às imposições dominantes. A resistência à norma pode ser encarada como um sinal de desvio, de anormalidade, de estranheza, mas também como a própria base com a qual a escola pode trabalhar. Ao invés de punir, vigiar ou controlar aqueles e aquelas que rompem as normas que buscam enquadrá-los, o educador e a educadora podem se inspirar nessas expressões de dissidência para o próprio educar (MISKOLCI, 2012, p. 63).

Guacira Lopes Louro (2001), em seu importante artigo Teoria *Queer*: uma política pós-identitária para a educação, sugere uma possível articulação entre a pedagogia tradicionalista com a educação *queer*; para ela,

A diferença deixaria de estar lá fora, do outro lado, alheia ao sujeito e seria compreendida como indispensável para a existência do próprio sujeito. A diferença deixaria de estar ausente para estar presente: fazendo sentido, assombrando e desestabilizando o sujeito (ibid., p. 550).

Provocando assim, inquietações que possibilitaria o rompimento daquilo que se considera atualmente como normal ou anormal. A educação *queer* traz o foco para as ações identitárias, desmobilizando categorias em que tentam de alguma forma categorizar o sujeito através da biologia, onde se fragmenta sexo, gênero e desejos, o que segundo Cornejo (2012), limita o sujeito e suas ações, minando o modelo de identidade e deslegitimizando o que é considerado humano. Deborah Britzman (1996; 1999), aponta que a escola é um dos mais terríveis espaços para assumir a sexualidade tida como desviante.

No final dos anos 80 a teoria *queer* começou a ser desenvolvida nos Estados Unidos, e teve grande impacto na formação de novas estruturas sociais e políticas, haja vista que, trouxe uma série de questionamentos acerca de temas que até então não eram problematizados. O que até então era considerado como algo estranho, de acordo com a tradução literal da palavra, acabou se tornando numa dialética de resistência e revolução, se apresentando de maneira positiva para representar aqueles que até então eram insultados e tratados de forma pejorativa, o *queer* veio para trazer novos significados às práticas que eram consideradas anormais. O movimento *queer* mobiliza-se em torno da aceitação e incorporação na sociedade, rejeitando a condição de ser tratado como indivíduos sujos e patológicos. A crítica gira em torno das premissas conservadoras que insistem em criminalizar e legitimar a discriminação, não se resume somente a uma luta sobre a sexualidade, ela vai além, reivindicando seu lugar na sociedade enquanto seres humanos dignos de respeito e igualdades.

Segundo o estudo de Louro (2012), a teoria *queer* também exerceu profundo impacto nas formas pedagógicas, uma vez que, se formou uma crítica em torno do sistema escolar, mobilizando-a a reavaliar suas práticas heteronormativas que estão profundamente enraizadas. Há de se repensar esse cenário, buscar estratégias que dialoguem com a pluralidade e à promoção do reconhecimento da diversidade sexual, possibilitando assim, o enfrentamento de sistemas que discriminam e estigmatizam as identidades de gênero e a orientação sexual desses sujeitos. A partir de observação em ambiente escolar as escolas exercem grande influência na constituição moral dos indivíduos, e notoriamente sabemos que suas manifestações são explicitamente contrárias ao reconhecimento da diversidade sexual, como afirma a citação abaixo:

Desde a sua constituição, a escola moderna é marcada por diferenças e está implicada, também, com a produção dessas diferenças. Embora não seja possível atribuir a ela toda a responsabilidade pela construção das identidades sociais, ela continua sendo, para crianças e jovens, um local importante de vivências cotidianas específicas e, ao mesmo tempo, plurais. (MEYER; SOARES, 2004, p.8).

Percebemos que de maneira silenciosa a homofobia é permitida dentro dos espaços escolares, ao passo que dentro desse ambiente hostil, muitos alunos preferem esconder sua preferência sexual, por medo de ser atacado e humilhado, inviabilizando-o de se expressar livremente quanto suas escolhas. Louro (1999), reforça em seu trabalho que:

(...) sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição de homossexual ou bissexual. Com a suposição de que só pode haver um tipo de desejo e que esse tipo – inato a todos – deve ter como alvo um indivíduo do sexo oposto, a escola nega e ignora a homossexualidade (provavelmente nega porque ignora) e, desta forma, oferece muito poucas oportunidades para que adolescentes ou adultos assumam, sem culpa ou vergonha, seus desejos. O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, como lugar do desconhecimento e da ignorância (LOURO, 1999, p. 30).

No cotidiano escolar vemos que esta condenação moral é fruto de uma política que divide desde muito cedo, o que é ser feminino do que é ser masculino. Neste processo de hierarquização se propõe delimitações que são marcadores sociais imprescindíveis para que seja instaurada o discurso homogeneizador, que garantirá a perpetuação de formas hegemônicas de masculinidade e de feminilidade (LOURO, 2000, p. 49). A teoria *queer* funcionaria como uma ferramenta pedagógica, a fim de articular um diálogo na aquisição de novos sentidos de enfrentamentos para os atos criminosos, trazendo conceitos e valores que se

alinhariam às vivências dos indivíduos, normatizando assim, suas singularidades e características que até então eram invalidadas.

Através de um aumento do interesse de pesquisadores e alunos, direcionados para investigar as questões de gênero e sexualidade, pode se perceber um tímido, mas importante, avanço nas políticas de apoio às pessoas que não se encaixam no conceito de heteronormatividade, esses estudos contribuem de forma significativa para pensar estratégias que visem o direcionamento ao respeito às diferenças, bem como no processo de construção de identidades de gêneros e identidades sexuais. Dagmar Meyer e Rosangela Soares (2005, p.28), ressaltam que tais pesquisas têm caráter de:

Contestar as metanarrativas que prometem descrever e explicar “a” realidade em uma perspectiva totalizante; tencionar as relações usuais que se estabelecem entre saber, poder e verdade; assumir o pressuposto de que a linguagem, como um campo de operação do saber, é constitutiva do social e da cultura e que, exatamente por isso, se propõem a problematizar e a explorar a indeterminação, a ambiguidade, a instabilidade, a multiplicidade e a provisoriedade dos sentidos que ela produz e coloca em circulação nas culturas em que vivemos; focalizar processos de diferenciação e hierarquização social e cultural, procurando compreender e problematizar formas pelas quais estes produzem (ou participam da produção de posições de sujeito (como homem e mulher, heterossexual e homossexual, por exemplo) no interior de uma cultura. (MEYER; SOARES, 2005, p.28).

Desse modo, se faz necessário também que os docentes mantenham uma formação continuada, a fim de possibilitar efetivamente a implementação desse trabalho com o corpo discente, (Felipe, 1999). Segundo a autora, há de se criar uma força tarefa que se constitua de múltiplas visões e reúna esforços em todos os sentidos para se combater a homofobia, tanto dentro dos espaços escolares quanto fora dele.

## **Conclusão**

Em suma, as reflexões e questionamentos aqui pontuados carecem de profundos investimentos em diversos campos, principalmente em se tratando da desfragmentação daquilo que a escola insiste em carregar como “certo”: dogmas e pensamentos que mais produzem muros e excluem esses sujeitos taxados de “inadequados”. Devemos levar em consideração que os apontamentos aqui feitos não se configuram como um sistema garantidor para que práticas discriminatórias e homofóbicas cessem, mas ao levantar reivindicações e tentativas de se caminhar para uma sociedade que se apresente menos preconceituosa, torna-se relevante o questionamento das ações de dominância dos discursos heteronormativos nas

escolas, negando a esses indivíduos entendidos como “subalternos” o seu lugar de fala, e invalidando suas tentativas de pertencer aos diversos espaços sociais que eles têm por direito.

Conclui-se, portanto, que diante de tal cenário, faz-se urgente a remodelação dos conceitos e práticas que regem a educação tradicional e atualmente concebida como normativa pela sociedade. Esse sistema de controle populacional e gerenciamento de como tais corpos devem se comportar, não se constitui mais como algo aceito, “é preciso admitir que os corpos não são mais dóceis” (PRECIADO, 2011, p. 15), e diante dessa indocilidade, devemos articular novas propostas de redirecionamento dentro dos espaços escolares, a fim de desaprender aquilo que nos foi passado historicamente, redesenhando uma história onde corpos e sujeitos são aceitos e respeitados, desregulamentando assim, o coletivo do individual, implicando em novos desdobramentos acerca de uma educação onde a teoria *queer*, enquanto agente norteador, se faça presente.

### **Referências bibliográficas**

BRITZMAN, Deborah. O que é essa coisa chamada amor. Identidade homossexual, educação e currículo. *Educação & Realidade*, v.21(1), jan-jul de 1996.

\_\_\_\_\_. Curiosidade, sexualidade e currículo. In: LOURO, G. L. (org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

BUTLER, Judith. *Cuerpos que importam*. Buenos Aires. Paidós, 2002.

\_\_\_\_\_. 2003b. Critically Queer. In Erin Striff (ed.), *Performance Studies*. New York, Palgrave, p152-177.

\_\_\_\_\_. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: C. Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. *Undoing Gender*. New York:Routledge, 2004.

CORNEJO, Giancarlo. A Guerra declarada contra o menino afeminado. In: MISKOLCI, Richard. *Teoria Queer: um aprendizado pelas diferenças*. Belo Horizonte: Autêntica, 2012, p. 69-78.

FELIPE, Jane. Do amor (ou de como *glamourizar* a vida): apontamentos em torno de uma educação para a sexualidade. In: RIBEIRO, Paula Regina Costa; SILVA, Méri Rosane Santos; SOUZA, Nádia Geisa S.; GOELLNER, Silvana; FELIPE, Jane (org.). *Corpo, gênero e sexualidade: discutindo práticas educativas*. Rio Grande: Editora da FURG, 2007.

FELIPE, Jane. Entre tias e tiazinhas: Pedagogias Culturais em circulação. In: SILVA, L. H.

- (org.). *Século XXI: Qual conhecimento, qual currículo?* Petrópolis: Vozes, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. 9.ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.
- \_\_\_\_\_. *Tecnologias del yo y otros textos afines*. Barcelona: Paidós, 1995.
- \_\_\_\_\_. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. 26.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.
- \_\_\_\_\_. *História da sexualidade: a vontade de saber vol. I*. Rio de Janeiro: Graal, 1976/2003.
- \_\_\_\_\_. Verdade e subjetividade. *Revista de Comunicação e Linguagem*, v. 1, n. 19, 1993, p. 203-223.
- LOURO, G. L. *Currículo, Género e Sexualidade*. Porto Editora: Porto, 2000.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *O corpo educado*. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.
- \_\_\_\_\_. Teoria Queer: uma política pós-identitária para a educação. *Revista Estudos Feministas*, vol. 9, n. 2, p. 541-553, 2001.
- \_\_\_\_\_. Os Estudos Queer e a Educação no Brasil: articulações, tensões, resistências. *Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar*. São Carlos, v. 2, n. 2, jul-dez 2012, pp. 363-369.
- \_\_\_\_\_. Pedagogias da sexualidade. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- \_\_\_\_\_. *Gênero, sexualidade e educação*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2004a.
- \_\_\_\_\_. (Org.). *Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004b.
- MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. Corpo, gênero e sexualidade nas práticas escolares: um início de reflexão. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade*. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 5-16.
- MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela. Modos de ver e de se movimentar pelos “caminhos” da pesquisa pós-estruturalista em educação: o que podemos aprender com – e a partir de – um filme. In: COSTA, Marisa V.; BUJES, Maria Isabel E. (orgs.). *Caminhos investigativos III: Riscos e Possibilidades de pesquisar nas fronteiras*. Rio de Janeiro: DP&A, 2005, p. 23-44.
- MISKOLCI, R. Teoria Queer: Um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte: Autêntica Editora: UFOP- Universidade Federal de Ouro Preto, 2012.
- PRECIADO, Beatriz. Multidões queer: notas para uma política dos ‘anormais’. *Revista de Estudos Feministas*, vol. 19, n. 1, p. 11-20, 2011.



